

# UM SÁBIO QUE CONCEDE DESEJOS É BOM MAS DESEJAR SER SÁBIO É MELHOR

Lapa, 20 de Setembro de 2020

## Texto Bíblico

1 Reis 3:16-22

*“Então, vieram duas prostitutas ao rei e se puseram perante ele. 17 Disse-lhe uma das mulheres: Ah! Senhor meu, eu e esta mulher moramos na mesma casa, onde dei à luz um filho. 18 No terceiro dia, depois do meu parto, também esta mulher teve um filho. Estávamos juntas; nenhuma outra pessoa se achava conosco na casa; somente nós ambas estávamos ali. 19 De noite, morreu o filho desta mulher, porquanto se deitara sobre ele. 20 Levantou-se à meia-noite, e, enquanto dormia a tua serva, tirou-me a meu filho do meu lado, e o deitou nos seus braços; e a seu filho morto deitou-o nos meus. 21 Levantando-me de madrugada para dar de mamar a meu filho, eis que estava morto; mas, reparando nele pela manhã, eis que não era o filho que eu dera à luz. 22 Então, disse a outra mulher: Não, mas o vivo é meu filho; o teu é o morto. Porém esta disse: Não, o morto é teu filho; o meu é o vivo. Assim falaram perante o rei.”*

## Resumo

Este sermão, pregado pelo Pr. Tiago Cavaco em 1 Reis 3:9-10, chama-se **“Um sábio que concede desejos é bom mas desejar ser sábio é melhor”**. Na Bíblia há uma história de amor entre o leitor e a sabedoria, de tal modo que ela é desejada como a mulher mais linda que existe: a Dona Sabedoria. Muito resumidamente, queremos casar com a sabedoria porque isso é resultado de termos Deus como a autoridade e o amor na nossa vida. E Cristo é como tudo isto se pode materializar na nossa vida.

## Sermão

Este sermão chama-se **“Resolver problemas privados em público”**. Quando o assunto são as falhas dos outros, somos máquinas de conclusões precipitadas. Salomão foi um exemplo incrível de sabedoria, ao tratar de

duas mulheres de pouca reputação numa trapalhada trágica. Jesus é a única solução para enfrentarmos os erros dos outros e os nossos com graça e responsabilidade.

Chegam problemas ao palácio e tragédias ao trono. **A nossa necessidade de sabedoria também é grande porque, até quando sentimos que a vida nos coroa, como agora coroava Salomão, não ficamos isentos de confusão.** Duas mulheres de má reputação vão até Salomão para que ele resolva o desentendimento entre elas, desentendimento esse que veio da tragédia da morte de um filho (se é certo que seriam mulheres de má reputação, ainda hoje os teólogos debatem se seriam tecnicamente prostitutas ou não—o termo usado, “zonot”, também poderia significar mães solteiras, como exemplo de mulheres que viveriam fora do plano apropriado do casamento). As duas mulheres que viviam juntas (geralmente, sinal da pouca virtude delas) tiveram cada uma um filho com 3 dias de diferença, e, durante uma noite, uma das crianças morre: o debate é saber qual das crianças morreu, visto que ambas dizem não ser a sua. A primeira mãe acusa a outra de ter provocado a morte do seu próprio filho inadvertidamente e colocado-o no lugar da sua; a segunda alega o oposto.

Grande literatura temos neste pequeno episódio! Há uma simplificação intencional das personagens para que os acontecimentos se expandam. O que uma mulher muito diz, a outra corta; o que uma revela do coração, a outra resente; e por aí em diante. Em termos literários encontramos um quiasmo, em que as frases escritas funcionam ziguezagueando na nossa cabeça para que, uma vez mais, haja um clímax presente na inteligência de Salomão. A acção, sendo mais verbal do que física, serve de caminho para a resolução que terá de ser dada por Salomão. **Salomão é colocado na difícil posição de ter de arbitrar publicamente histórias privadas em conflito.** E, acreditem, é preciso muita inteligência quando em público temos de resolver conflitos privados. Quantos de nós podemos, com à vontade, dizer que somos bons a dar soluções simples para dilemas difíceis? É bem improvável... Hoje não entraremos na resposta de Salomão, que ficará para o próximo sermão. Interessa-nos, portanto, ficar no limiar do problema sem entrar já na solução.

Daniel Kahneman é um psicólogo que ganhou um Prémio Nobel da Economia, à custa de reflectir sobre como tomamos decisões sob incerteza. O seu livro mais conhecido chama-se “Thinking, Fast and Slow” (em português, “Pensar Depressa e Devagar”) e nele defende que as nossas

intuições são máquina de conclusões precipitadas. Não somente podemos ser cegos em relação ao óbvio, como podemos ser cegos em relação à nossa própria cegueira. Existem fundamentalmente duas formas de pensar: a primeira é a rápida, o sistema 1, em que pensamos sem saber como esse pensamento se processou. Por exemplo, um cônjuge detecta irritação na maneira do outro falar. Essas impressões ou intuições são modos de pensar tão ligeiros como inconscientes, e são, nesse sentido, silenciosos. O sistema 2, a segunda forma de pensar, muito menos usada por nós, é a lenta, que envolve atenção e esforço e, é nesse sentido, mais racional. O sistema 1 tende a confirmar e o 2 a questionar. Ao mesmo tempo que, junto com alguma psicologia moderna reconhecemos dentro das nossas cabeças algum conflito interno, interessa-nos uma cabeça, como a de Salomão, que serve também para os conflitos que nos são externos, e que passam pelos outros—**a verdadeira sabedoria pede que reconheçamos os limites do nosso raciocínio ao mesmo tempo que o aplicamos a favor dos outros.**

Se chegaram problemas ao palácio e tragédias ao trono, então isso quer dizer que a urgência da sabedoria vê-se também no facto de quem a recebe de Deus ter de a usar para aliviar o sofrimento dos outros. Na Bíblia, uma pessoa inteligente em circuito fechado não é realmente inteligente. Uma das nossas tentações comuns é desejarmos a inteligência como algo essencialmente nosso, privado, referente a uma qualidade minha. Mas **o discernimento a sério, aquele que vem de Deus, não engorda a nossa lista de virtudes pessoais—é um dom que Deus nos dá para nós darmos aos outros.** Se o teu discernimento não serve os outros, também não serve grande coisa para ti. Provavelmente a maioria de nós não terá de exercer o seu discernimento necessariamente arbitrando publicamente conflitos privados e deve afastar-se de se apressar fazendo-o, apelando à graça de Deus.

Esta trapalhada trágica na vida destas duas mulheres tão desclassificadas não as impediu de serem tratadas pela cabeça mais sábia do seu tempo. Claro que há aqui uma moral óbvia: **ninguém está excluído de, na pior circunstância da sua vida, poder ser assistido pelo juiz mais perfeito—**se Salomão deu corpo a essa oportunidade graciosa, o que fará Jesus, aquele que é maior do que Salomão (Mateus 12:42)?

O Salomão sábio que não foi sábio até ao fim dos seus dias serve para nos satisfazermos no Salomão que foi sábio até ao fim, chamado Jesus. Jesus é

quem terá de resolver publicamente problemas privados, quando vier julgar todos os vivos e mortos (2 Timóteo 4:1). Nós, máquinas de conclusões precipitadas acerca dos outros, precisamos daquele que pacientemente se deu para morrer por nós. Somos chamados a responder como Jesus respondeu, não na medida em que nos salvamos ou salvamos os outros. **Mas somos chamados a publicamente atender aos problemas privados dos outros no mesmo espírito de graça que nos perdoou e que nos responsabiliza.**

Que o Senhor nos ajude.

© Este sermão está protegido por direitos de autor. Não é permitida a utilização do sermão ou de partes dele sem prévia autorização escrita.